

NARRATIVAS DE PROFESSORES INICIANTE E A PANDEMIA: DESAFIOS PARA PENSAR A EXPERIÊNCIA DOCENTE EM CONTEXTOS INCERTOS

SIQUEIRA, ANA ROBERTA MACHADO¹;
CHAIGAR, VÂNIA ALVES MARTINS².

¹Universidade Federal do Rio Grande – FURG – aanamsiqueira@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande - FURG – vchaigar@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é referente a uma pesquisa de mestrado¹ do Programa de Pós-Graduação em Educação – IE/FURG, que teve início no segundo semestre do ano de 2020 em pleno contexto pandêmico ainda em andamento. A experiência da narrativa vem ao encontro das utopias da pesquisadora não apenas como uma particularidade metodológica, mas, também, por acreditar que esta proposta tem potência criativa, ética, estética e rigorosa (FREIRE, 1997) dentro do processo formativo dos sujeitos, sejam eles os professores e/ou os alunos. Compreender a narrativa autoformativa como base desta potência formativa salienta o que Cunha (1997, p. 4) nos aponta quando enuncia que “diferentemente das situações de pesquisa, não é tanto o produto das narrativas o que mais interessa nesta circunstância, mas o processo de produção pelo qual vive o sujeito”. Por dentro deste pensando, busco nas escritas de professores iniciantes atuando em escolas públicas, de diversas regiões brasileiras, um diálogo sobre as experiências docentes neste contexto pandêmico e possíveis implicações formativas no devir da prática pós-pandemia. Pergunto: Que experiências desses professores iniciantes, no contexto pandêmico e ensino remoto, serão relevantes na prática docente pós-pandemia?

2. METODOLOGIA

A proposta metodológica da pesquisa irá dialogar com professores iniciantes através de cartas trocadas, à princípio, por email. Compreendo este grupo como “professores que se encontram em início de carreira, visto que é o momento em que eles buscam instituir suas ações, posicionamentos e posturas profissionais, com base nas experiências pessoais e formativas que têm vivenciado” (AMARAL, COSTA & FALCÃO, 2020, p. 295). Endereçadas aos docentes que estão/estavam atuando no ensino remoto/híbrido de escolas públicas brasileiras, a carta escrita em tom informal, buscará encontrar pistas sobre experiências que, possivelmente, atravessarão a prática docente deste tempo em diante. Sobre o uso das cartas compreendemos que elas: “proporcionam aprendizagens, reflexão, imergir no passado, liberar tensões a questionar o presente numa visão prospectiva” (SOUSA & CABRAL, 2015, p.156). Afinal, é raro que vivenciemos uma pandemia com tais implicações diretas na sociedade e principalmente na educação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹ “Entre vidas, idas e vindas: Causos sobre a docência em tempos pandêmicos nas narrativas de professores iniciantes” Título provisório.

A narrativa que vem se constituindo ao longo da pesquisa já aponta alguns indicativos de sua relevância, pois a busca de materiais no que irá se constituir no estado do conhecimento resultou em poucos trabalhos no intervalo delimitado dos últimos cinco anos de produção². Através desse pequeno território apresentado pelas pesquisas realizadas com a temática da narrativa autoformativa, foi possível encontrar pistas sobre as compreensões e caminhos que esta pesquisa poderá atingir quando for disponibilizada. Outra preocupação evidente que vem atravessando todo o processo da pesquisa, sem dúvidas, é a concepção de ética como pesquisadora: “(...) como escrever e falar para ser compreendida pelos destinatários de minhas pesquisas, sem que esta preocupação com a forma significasse descaso à consistência teórica. Enfim, como articular conteúdo e forma?” (GARCIA, 2011, p. 17). É complexa a relação entre pesquisadora e narrativa dos sujeitos, por muitas vezes se aproximar do que é pessoal, subjetivo e, até mesmo, íntimo de cada um. É por este motivo que dedico um tempo para dialogar sobre este espaço dentro da pesquisa e do fazer-pesquisar:

As pesquisas revelam que os professores, quando os falam sobre os dilemas imbricados no seu fazer docente, transportam, ao mesmo tempo, dados de sua trajetória de vida. Isso aponta para diferentes modos de ver, conceber a prática profissional e promover avanços significativos na formação docente. (SOUSA & CABRAL, 2015, p. 151).

4. CONCLUSÕES

A pesquisa busca neste momento, compreender seu papel no âmbito da formação de professores e na forma de devolutiva para os envolvidos com a pesquisa, além de afinar seus instrumentos de aproximação da empiria: a primeira carta que será enviada aos professores. Pesquisar a temática, além de necessária e urgente, rega nossas utopias enquanto pesquisadoras, mas, antes de mais nada, como gente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Bruna; COSTA, Mariza da; FALCÃO, Giovana Maria Belém. Identidade de professores iniciantes: Trajetórias formativas à luz de cartas narrativas. **Colloquium Humanarum**. Presidente Prudente, v. 17, p.295-307, jan/dez 2020.
- CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Pelotas - RS. **Revista da Faculdade de Educação**. vol. 23, n. 12, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 5. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1997.
- GARCIA, Regina Leite. Para quem investigamos — para quem escrevemos: Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador In: MOREIRA, Antônio Flávio; SOARES, Magda; FOLLARI, Roberto A.; GARCIA, Regina Leite.

² De forma resumida, os parâmetros foram construídos a partir do conceito de “narrativas autoformativa/auto-formativas/autobiográficas/auto-biográficas”, sendo as pesquisas produzidas em português, dentro dos grupos e subgrupos da educação no intervalo de 2016 e 2020. Na plataforma Scielo foram encontrados 19 resultados; No Banco de Teses e Dissertações da Capes 21 resultados, entre teses e dissertações.

(Orgs.) **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos:** o impasse dos intelectuais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15 – 41.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.